MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
Praça Conselheiro Rodrigues Alves, n° 48 - 2° andar

2004 **n° 239**

A imagem de Nossa Senhora Aparecida e os protagonistas de sua devoção

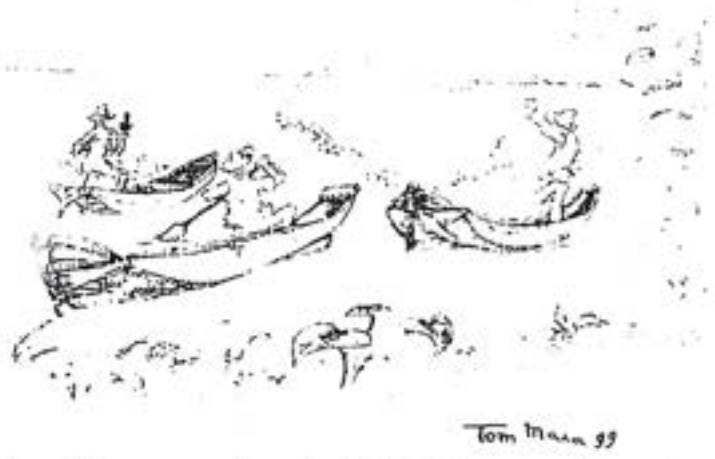
Neste ano de 2004, quando se comemora o centenário da coroação de Nossa Senhora Aparecida, é necessário que se conheça mais um pouco sobre sua história e devoção, nascidas em águas e terras de Guaratinguetá.

Um documento do Arquivo Memória de Guaratinguetá do Museu Frei Galvão, de autoria do historiador e genealogista **Frei Adalberto Ortmann** nos narra o achado da imagem e, o que é **inédito**, nos fornece dados pessoais e familiares sobre os personagens ligados a este acontecimento.

Sobre o encontro da imagem, o autor se baseia na narrativa do Livro Tombo da Matriz de Santo Antônio:

"No ano de 1717, passando por esta vila de Guaratinguetá para as Minas, o Governador delas, o Conde de Assumar – Dom Pedro de Almeida, foram notificados pela Câmara os pescadores para apresentarem todo o peixe que pudessem haver para o dito Governador.

Entre muitos foram a pescar **Domingos Martins Garcia, João Alves, Filipe Pedroso** com suas canoas, e, principiando a lançar suas redes no porto de José Corrêa Leite, continuaram até o porto de Itaguassú, distância bastante, sem tirar peixe algum. E lançando nesse porto **João Alves** a sua rede de rasto, tirou o corpo da Senhora sem cabeça, lançando mais abaixo outra vez a rede, tirou a cabeça da mesma Senhora, não se sabendo nunca quem ali a lançasse. Guardou esta imagem em tal ou qual pano, e continuando a pescaria, não tendo até então tomado peixe algum, dali por diante foi tão copiosa a pescaria em poucos lanços que receioso, e os companheiros de naufragarem pelo muito peixe que tinham nas canoas, se retiraram às suas vivendas, admirados desse sucesso".



O Livro Tombo da Matriz de Santo Antonio de Guaratinguetá traz também os nomes de todas as pessoas que narraram o encontro da imagem ao Vigário de Guaratinguetá, Padre José Alves Vilella, em 26 de julho de 1745, e que, baseado nesses depoimentos, redigiu o fato no Livro Tombo.

As informações sobre cada um desses personagens é que foram o objeto da valiosa pesquisa de Frei Ortmann, duzentos

e vinte e cinco anos depois. Desse documento, o Museu Frei Galvão selecionou e sintetizou para esta monografia os principais dados sobre os pescadores e os doadores dos primeiros bens da Padroeira do Brasil.

Domingos Martins Garcia – Pescador

Natural de Guaratinguetá. Era filho de Jeremias Martins e Helena Garcia. Foi casado duas vezes. Em primeiro matrimônio com **Vicência Tavares**, viúva de Gaspar Gomes Pereira, teve os filhos:

1º) Antônio Raimundo – casado em Guaratinguetá com Isabel da Silva, a 27 de agosto de 1739. Esta era filha de Estevão Barbosa (ou de Brito) e de Rosa, escrava do pai de Estevão, Capitão Antônio Raposo Barbosa, Alferes da Vila de Guaratinguetá em 1728 e homem de projeção social

2º) João – batizado a 14/6/1720, tendo por padrinhos dois insignes guaratinguetaenses, Salvador da Mota Pais – descendente do capitão Pedro da Mota Leite, fundador da cidade de São Sebastião e dona Margarida Nunes Rangel, que veio a doar o Morro dos Coqueiros (ou Palmeiras) para a construção da atual Basílica Velha.

3º) Isabel Tavares – batizada em 11/7/1723 com os padrinhos Domingos Martins Lima e Maria Garcia, "moradores e naturais desta vila". Casou-se em 1753 em Guaratinguetá com Sebastião de Freitas, natural de Pindamonhangaba e viúvo de Rosa Maria Garcia.

Em segundas núpcias Domingos Martins Garcia casou-se com **Eugênia Maria da Veiga**, com os seguintes filhos:

1º) Andreza – batizada em 6/12/1726, tendo por padrinhos Inácio Ribeiro e a avó materna Sebastiana Rodrigues, todos naturais de Guaratinguetá.

2º) Margarida – batizada em 23/10/1740, tendo como padrinhos João Mendes de Amorim e Antonia Rodrigues de Miranda.

3º) Maria Francisca Martins – batizada em 15/10/1742, com os padrinhos Francisco de Almeida Leme e Branca Raposo (provavelmente irmã do padrinho), casada em 1761 em Guaratinguetá com Pedro da Silva Barbosa,filho de Rosa,escrava de Antônio Raposo Barbosa.

4º) Francisco – batizado em 9/8/1744, com os padrinhos Lourenço da Silva Pimentel e Maria Nunes do Prado.

5º) Catarina – batizada em 4/10/1746, sendo padrinhos João Alves Chaves e Maria de Almeida.

João Alves – Pescador

É difícil identificar o João Alves, que recolheu a imagem de Nossa Senhora, por não lhe conhecermos o segundo sobrenome, e por usarem muitas vezes os nomes Alves e Álvares. No Iº Livro de Batizados de Guaratinguetá, onde estão lançados os batizados de 1719 a 1728, só encontramos duas pessoas com o sobrenome de Alves: Romão Alves e João Alves da Costa, casado com Catarina Moreira, estes mandando batizar o filho Antônio aos 18 de julho de 1726. É possível ser ele o feliz pescador de 12 de outubro de 1717.

Filipe Pedroso e Atanásio Pedroso – Pescadores

Filipe Pedroso foi casado com Maria Pedroso e deste casal há a filha Thereza, batizada a 9 de agosto de 1725, tendo como padrinho Manuel Luiz Gomes, o qual está registrado em 20/6/1727 como senhor de escravos. Filipe Pedroso foi casado duas vezes. Em segunda núpcias, com Verônica da Silva, falecida em 1745. Foi ele que guardou a imagem por 15 anos em sua casa, com culto familiar e popular. Ao se mudar do local entregou-a a seu filho Atanásio.

Atanásio Pedroso, filho de Filipe Pedroso, era casado com Rosa Maria do Prado, em primeiras núpcias e em segundas núpcias com Maria Alvarenga (ou Moreira?), pois em 1742 encontramos uma filha deste casal, Maria, batizada em fevereiro deste ano, tendo como padrinhos o Capitão Antônio Raposo Barbosa e Francisca Vieira.

Construiu um oratório para a devoção à Santa, origem da primeira Capela em seu louvor.

Seus descendentes não foram localizados.

DOADORES DAS TERRAS DA SENHORA APARECIDA

Lourenço de Sá e Maria da Conceição

Este casal já morava em Guaratinguetá no ano de 1717. O Livro Tombo enumera Lourenço de Sá e sua mulher Maria da Conceição como os primeiros doadores de uma sorte de terras, que ofereceram à Senhora, por escritura pública em 28 de maio de 1744. Lourenço era filho de pais portugueses: Bento Martins e Jerônima de Sá, naturais de São Tiago Dantas, arcebispado de Braga. Maria da Conceição era filha de Francisco Botelho de Oliveira, natural da vila portuguesa de Aveiro e de Maria da Conceição, natural de Guaratinguetá, onde faleceu em 1782.

De Lourenço de Sá e Maria da Conceição conhecemos os seguintes filhos:

1º) Ana – batizada a 3/5/1742 em Pindamonhangaba, mas registrada em Guaratinguetá. Cremos que é a mesma que, com o nome de Ana Joaquina, casou em 1769 (com 27 anos) em Guaratinguetá com o famoso Capitão Antônio Marcondes do Amaral, tronco de todos os Marcondes do sul do Brasil, sendo este o seu segundo casamento.

2º) Antônio de Sá – casado em 1776 em Guaratinguetá com Francisca Maria, filha de João da Mota Pais e Rosa Maria Pedroso.

3º) Rosa Maria de Sá – casada em 1750 em Guaratinguetá com José Ferreira Álvares, natural de Barcelos / Portugal.

4º) Inácia – batizada em 8/8/1743, sendo padrinhos Manuel Gomes e Maria Nunes de Brito, mulher de Antônio Raposo de Lima.

5º) Manuel – batizado em 3/4/1746, tendo como padrinhos Marcos Gonçalves Chaves e Madalena de Pazzis.

Margarida Nunes Rangel

"Doou vinte e cinco braças de terras com trezentas de sertão, no Morro das Palmeiras (ou Coqueiros) principiando das terras de Lourenço de Sá, como melhor consta da escritura pública passada aos 4 dias de maio de 1744".

Margarida era oriunda de famílias povoadoras de Guaratinguetá por parte de sua mãe Lucrecia Leme Barbosa, que era dos mais ilustres troncos paulistas, descendente de Mateus Leme do Prado e Beatriz Barbosa do Rego. O marido, André Bemardes de Brito era filho de outra família povoadora de Guaratinguetá, Capitão Antônio Pedroso de Alvarenga e Maria da Luz do Prado. O casal teve onze filhos, que deixaram numerosa descendência em Guaratinguetá, Vale do Paraíba e sul de Minas Gerais. No Morro das

Palmeiras (ou Coqueiros) doado por Margarida Nunes Rangel foi erguida a Basílica Velha, em torno da qual se desenvolveu o núcleo urbano de Aparecida.

Domingos da Costa Paiva e Fabiana Fernandes Teles

Este casal, que doou à Nossa Senhora Aparecida "por escritura pública aos 16 de maio de 1744, trinta braças de terras de testada, partindo com Lourenço de Sá e Salvador da Mota, correndo para mato dentro" era também antigo morador de Guaratinguetá. Por parentesco de afinidade, este casal, que teve seis filhos, estava ligado à família do pescador Domingos Martins Garcia.

Jerônimo Dorneles e Lucrecia Leme

Fez este casal a doação de "uma sorte de terras que se dividiam com terras do defunto Pedro da Mota Pais e para a parte das Pitas com as terras da defunta Lucrecia Leme Barbosa; para a parte do Paraíba com as margens do dito rio e para o sertão o que se achar na escritura que passou o defunto João de Campos ao dito Dorneles de quem as comprou. Fizeram esta doação por escrito e com testemunhas, na Freguesia da Conceição de Viamão / Rio Grande do Sul, por não haver tabelião e com a condição de os pobres que nas terras morarem, ou cada morador, pagarem de foro à Senhora, cada ano, dois cruzados".

Tomé Ferreira Teixeira

Em seu testamento, também do século XVIII, deixou à Nossa Senhora da Conceição Aparecida "quatrocentos mil reis para se porem a juros com bons fiadores abonados para dos juros mandarem vir azeite do Reino, de Santos, para estar a lâmpada da Capela de dia e de noite acesa".

Notas do Museu Frei Galvão: - O documento **"A imagem de Nossa Senhora e os protagonistas de sua devoção",** de autoria de Frei Adalberto Ortmann, com 20 páginas datilografadas na década de 1940 em Guaratinguetá, está à disposição dos interessados no Arquivo Memória de Guaratinguetá, do Museu Frei Galvão.

– O autor **Frei Adalberto Ortmann**, historiador e genealogista, era franciscano e morou no Convento de Nossa Senhora das Graças na década de 1940, de onde seguiu para o sul do Brasil. Foi ele o primeiro Postulador da Beatificação de Frei Antônio de Sant'Ana Galvão. A documentação por ele preparada, ficou perdida no Arquivo Eclesiástico da Cúria de São Paulo, embora endereçada para a Causa dos Santos, em Roma. Só foi encontrada pelo Arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, que deu início efetivo ao processo da Beatificação de Frei Galvão, realizada a 25 de outubro de 1998.